

A INTERNET E A FRAGMENTAÇÃO DO MUNDO

Hugo Teixeira

Jornalista, professor da FCH-Fumec e mestre em
Ciência da Informação pela UFMG

Os gestos mudam segundo os tempos e os lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.

Roger Chartier - A aventura do livro - do leitor ao navegador

Convergência: disposição de linhas e raios luminosos que se dirigem para o mesmo ponto; afluência para o mesmo ponto. Fragmentação: fracionamento; estilhaçamento. Mesmo que o significado expresso no dicionário para estas duas palavras não chegue a ser definido como de antônimos, no mínimo, pode-se dizer que eles expressam significações antagônicas. Onde há convergência não pode haver fragmentação e se há fragmentação, não pode existir convergência.

Ou será que pode ser diferente? Poderá haver convergência e fragmentação ao mesmo tempo? Decifrar este aparente enigma é uma das tarefas a que se propõe este artigo, já que este trabalho parte da suposição de que, do ponto da Comunicação Social, estes dois conceitos aparecem como complementares em várias situações, por mais paradoxal que isto possa parecer.

Desde já é importante ficar claro que não se pretende aqui fazer uma apologia das novas tecnologias. Pretende-se sim, dentro da perspectiva de compreendê-las como fruto do trabalho do homem e suas molduras sociais, culturais, políticas e econômicas, tentar produzir uma abordagem que as contextualize como fenômenos acumulativos, com uma nova tecnologia se originando em outra anterior, desta recebendo influências e, ao mesmo tempo, constituindo-se em degrau para o surgimento de outras. Principalmente, ainda mais em se tratando de sua relação com as mídias, focalizá-las com um olhar que constata a convivência entre as antigas e as novas.

Daí ser relevante dizer que não se desperdiçará o tempo, nem de quem escreveu ou de quem venha a ler, em gastar tinta e esforço para afirmar imprecisões como se pode constatar em certas assertivas que dizem que as novas tecnologias nascem para substituir outras no sentido de sobreposição. Não foi assim com as novas mídias, já que o cinema não desapareceu com a televisão, a televisão não fez desaparecer o rádio, o vídeo-cassete não extinguiu a televisão e nem a internet porá fim nos meios impressos.

A única nova tecnologia que é possível ser descrita como totalmente extinta foi o telex, pelo menos até onde se pode vislumbrar o universo midiático. Pode-se também alinhar várias outras que, se por um lado perderam sua função como objeto de trabalho, passaram ou

estão passando a outro estágio em sua relação com o homem. O caso da relação entre a fotografia manuseada através de processos químicos e a fotografia digital pode ser citado como um exemplo de coisas do mundo do trabalho se transfigurando para o mundo da arte.

Esta pequena introdução é uma tentativa para facilitar uma explicação e, por conseguinte, a compreensão do objetivo deste artigo. O esforço será tentar construir uma análise sobre a relação destes dois conceitos - convergência e fragmentação - com o mundo midiático e, em especial, com o mundo das mídias eletrônicas, particularmente a mais jovem delas, a internet. É esta mídia que hoje mais expressa, ainda que outros avanços tecnológicos na área das mídias também o façam, estes movimentos de convergência tecnológica e de mídias com fragmentação de conteúdo e de audiência.

Vários autores que tratam do mundo midiático têm tentado situá-lo entre definições que sejam capazes de emodurá-lo de uma forma um pouco mais precisa do que parece ser possível com a enormidade de conceitos carregados de subjetividade típicos das ciências sociais. Isto sem falar que a esta angústia conceitual junta-se a própria angústia característica destas ciências, quando seus pesquisadores se encontram para debates epistemológicos sobre as definições dos objetos de estudo de todos os subcampos presentes nesta área científica.

Já na década de 60, Marshall McLuhan, ao abordar os meios de comunicação como extensões do homem da era eletrônica - tal quando ele afirma que as máquinas são as extensões humanas da era mecânica - trata dos conceitos de convergência e fragmentação como movimentos iniciados a partir das mudanças impostas em seu tempo pela escrita e a tipografia, em um primeiro instante definido como de fragmentação e que, na seqüência, num segundo momento, acontece num movimento de convergência com o advento da era da tecnologia "elétrica", reproduzindo o termo que o autor americano usava. Segundo suas próprias palavras:

"O alfabeto (e a sua extensão na tipografia) tornou possível a difusão da energia que é o conhecimento e rompeu os elos do homem tribal, fazendo-o explodir em aglomerações de indivíduos. Agora, a escrita elétrica e a velocidade despejam sobre ele, instantânea e continuamente, os problemas de todos os outros homens. Ele se torna tribal novamente". (McLuhan, 1964, p. 196)

Dentro de sua visão e de seu contexto localizado em meados dos anos 60, McLuhan estava moldando o conceito de aldeia global.

Partindo de uma imagem como esta, pode-se fazer a analogia com fenômenos recentes como as grandes coberturas ao vivo de acontecimentos como a Guerra do Golfo, ou mais recente ainda, da cobertura jornalística dos atentados nos EUA no início de setembro. Tudo ficou visível e acessível (sem exagero e sem o estabelecimento de outros juízos de valores que serão discutidos em outro trecho do presente trabalho), como se estivéssemos tomando conhecimento sobre os problemas do vizinho que mora na porta ao lado da nossa.

Detalhando um pouco mais as definições de fragmentação e convergência na obra de McLuhan, é importante desmembrá-las para que fiquem um pouco mais claras. Do ponto de vista dos efeitos do “alfabeto e da tipografia” em suas devidas épocas, o autor americano e ex-professor de literatura inglesa diz que as características de uniformidade e de repetibilidade da era da imprensa² introduziram a idéia de tempo e espaço “entendidos como quantidades contínuas mensuráveis”. Para ele,

“O efeito imediato desta idéia foi o de dessacralizar o mundo da natureza e do poder. A nova técnica de controle dos processos físicos, mediante a fragmentação e a segmentação, separou Deus da Natureza, o Homem da Natureza, o Homem do Homem.” (1964, p.200)

Já no contexto do desenvolvimento das tecnologias eletrônicas, McLuhan afirma que, apesar de estes avanços trazerem como aspecto negativo o fato de produzirem desemprego com a introdução da automação, há, segundo ele, porém, o lado positivo de que estes progressos se contrapõem à fragmentação anterior da era das máquinas. Ele descreve este fenômeno assim:

“A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica de fragmentação, o que constitui a essência da tecnologia da máquina. O oposto é o que constitui a essência da tecnologia da automação. Ela é integral e descentralizadora, em profundidade, assim como a máquina era fragmentária, centralizadora e superficial na estruturação das relações humanas”. (1964, p. 22)

Não fosse esta uma citação de um livro de Marshall McLuhan, quase que se poderia dizer que ele aproximou-se do conceito de alienação do trabalho em Marx ao quando ele descrevia os efeitos da Revolução Industrial no mundo do trabalho. O pensador alemão apontou a distância entre o operário e o produto por ele fabricado.

Contudo, uma discussão como esta não faz parte deste artigo e é melhor que seja deixada para os especialistas. Para o que interessa neste trabalho, é importante a assertiva do professor americano de que “o mundo todo, passado e presente, agora se desvenda aos nossos olhos como uma planta a crescer num filme extraordinariamente acelerado”. (1964, p.395)

É parte da experiência humana a percepção se deixar confundir em virtude da proximidade com o objeto útil ou o ente querido. São muitos os casos em que, somente se percebe a estreiteza, no sentido da proximidade das relações, no momento da falta, da ausência. Uma outra possibilidade é a aproximação de algo ou alguém diferente das relações habituais para que se note a verdadeira dimensão que algo que está perto tem para nós. Tudo indica que se pode fazer uma analogia entre o afirmado acima e o movimento de se analisar a televisão quando dela aproximamos a internet. Porém, esta experiência será tratada mais a frente.

Steven Johnson (2001) em seu livro *A cultura da interface* traz uma série de argumentos que ilustram bem as aparentes divagações escritas no parágrafo anterior. Para ele, é possível captar como os meios de comunicação influenciam nossos hábitos de pensamento por que é possível que enxerguemos a progressão, a sua mudança de uma forma para outra. É imperativo que se acrescente que estas influências aparecem e são perceptíveis também no mundo da sociabilidade, além de suas influências no âmbito do pensamento humano ou na esfera da ecologia cognitiva como prefere definir Pierre Lévy (1997).

Por muito tempo, a leitura de um livro foi associada à interação com o sagrado, daí o hábito de ler livros ser relacionado, na Idade Média, com o recolhimento, a contemplação. A herança dos ambientes das bibliotecas é certamente originada nesta necessidade de quietude e calma que a reflexão do ensinamento sagrado exigia e ainda exige. Hoje, certamente há outros motivos para que as bibliotecas sejam assim, mas a relação com o estudo das escrituras é uma referência fundamental.

O livro é um dos suportes textuais onde existe uma boa possibilidade de acompanhamento nas mudanças de forma e conteúdo e que, além disso, apresenta uma riqueza de descobertas surpreendentes ao se debruçar sobre elas. Chartier (1999) fala desta evolução de formatos como uma ruptura suave entre a cultura do manuscrito e a introdução da impressão com tipos móveis.

Durante longo tempo houve uma convivência entre eles que, para certos casos, talvez nem tenha desaparecido de todo. Não existe

melhor maneira de se fazer circular o texto proibido do que sob a forma manuscrita, já que esta não tem que se submeter à desconfiança da produção do impresso feita em oficinas e por mãos estranhas. É o manuscrito também que muito recentemente simbolizou uma forma de produção literária e libertária dita independente.

Se antes era o rolo, depois veio o códex medieval, depois o livro manuscrito e, em seguida, o impresso. Várias formas produzidas ao longo dos tempos desembocam agora na transição do livro objeto manipulável para o formato (em termos de conteúdo) do texto eletrônico. Mais do que mudanças nas estruturas do suporte, para o historiador francês, o que está acontecendo é uma transformação nas próprias maneiras de ler. Segundo ele,

“Deslizamentos, sobreposições... Quando, o historiador do livro olha para trás, deve ser prudente ao definir transformações passadas. Hoje, se ele continua utilizando o vocabulário do geólogo, é preciso que procure uma palavra mais radical para definir aquilo que está ocorrendo. Trata-se de um corte, uma fratura. Desde logo, porque o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, abordar e definir o livro.” (Chartier, 1999, p. 12)

Na antiguidade, o leitor manipulava o rolo, percorrendo o texto na medida em que o desdobrava. Há, porém, uma certa semelhança entre aquele leitor e o leitor contemporâneo da era da internet na medida em que, para ambos, o texto lido corre diante de seus olhos, ainda que para o primeiro seja no sentido horizontal e, para o segundo, o sentido da leitura seja vertical. Acrescente-se ainda que, como o leitor do livro impresso, diz o autor francês, o leitor do texto eletrônico tem a possibilidade de poder guardar referências como a paginação, o índice e o recorte do texto.

Portanto, o leitor contemporâneo, entendido como aquele que faz uso das novas tecnologias, pode ser, simultaneamente os dois leitores, tanto o da antiguidade quanto o moderno, com ambos ressurgindo no leitor contemporâneo. Neste sentido, o texto eletrônico, cujo estuário principal é a internet, é pura convergência enquanto forma que associa hábitos e possibilidades do leitor de diversas épocas e seus formatos que se materializam no formato atual do texto na web. Todavia, ele é também fragmentação na medida em que estabelece uma separação entre o leitor e o objeto, extinguindo a possibilidade de manuseio e proximidade tátil direta do leitor em relação ao livro.

Do ponto de vista de Roger Chartier há mais uma relação de fragmentação e convergência que se percebe no estudo de algumas

funções e profissões relacionadas com o livro impresso e que se fundem, transformando-se em uma única coisa, na produção dos textos eletrônicos. Trata-se da junção das atividades de autor e editor em uma mesma pessoa na rotina de produção do texto eletrônico da internet. No livro impresso, a distinção entre estas funções tem origem na necessidade comercial de definição de direitos de posse, ou seja, é preciso alguém que escreva e alguém que seja dono da editora.

É nesta separação de fazeres onde se pode encontrar a origem da legislação protetora da obra – em todas as formas que possa assumir – e seu autor. Na internet também há – e já existem discussões bastante avançadas sobre isto – a necessidade de se pensar como resolver a questão do direito autoral.

Contudo, nela este debate se dá em outro patamar, ou seja: quem escreve um texto pode colocá-lo na rede sem a obrigatoriedade de passá-lo pelo crivo de um editor que determina se ele é publicável ou não. Não é à toa, que nas disciplinas de jornalismo on line repita-se até a exaustão a lição que recomenda que o texto escrito para a internet seja impresso antes de ser jogado na rede.

Isto porque, como sua publicação pode ser instantânea, no exato instante em que está sendo produzido, sem depender de modificação de grade de programação ou sequer que alguém autorize que entre no ar, pode acontecer que não se faça uma revisão com o devido rigor característico dos cuidados que se deve ter com o texto jornalístico. Uma situação assim pode gerar problemas na qualidade da informação que se está publicando.

Porém, mesmo assim, estes problemas são de outra natureza quando se compara as conseqüências de erros de publicação em uma e na outra tecnologia. Se no livro impresso um erro de impressão obriga à edição de erratas ou mesmo a destruição de edições inteiras, na internet esta falha pode ser corrigida imediatamente, através de recursos simples e que diminuem a dimensão das conseqüências que isto pode trazer.

Para Roger Chartier, o texto eletrônico rompe com estas dimensões, convergindo-as através de múltiplas possibilidades de reescrituras. De acordo com ele:

“Hoje com as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a reescrituras múltiplas, são os próprios fundamentos da apropriação individual que se vêem colocados em questão” (1999, p.49)

Aliás, cabe aqui um breve parêntese. Quando as discussões sobre temas como estes chegam aos limites da legislação existente, é porque já não há contemporaneidade entre as normas e o costume.

Cada vez mais, também na área das normatizações legais sobre as novas mídias e tecnologias, como se não bastasse toda a polêmica em outros campos, há uma séria disputa, inclusive no Brasil, relacionada com o direito de uma mídia eletrônica como a internet poder veicular outras mídias, como já acontece atualmente. Este assunto será retomado como uma questão importante por suas amplas conexões com o tema das convergências e fragmentações.

Se em relação ao livro existe a possibilidade de descrição da evolução das suas formas como suporte e de seus conteúdos ao longo de uma extensa e linear linha de passagem do tempo, não se pode dizer o mesmo em relação à televisão, pelo menos não em relação a esta extensão linear de tempo que o livro possui. Da televisão pode-se afirmar que, em um período muito menor, além da transformação de suas transmissões de preto e branco para a transmissão em cores, agregou-se a ela a tecnologia do VT e de sua difusão por satélite. O que já são convergências de grande importância.

Porém, de comum a ambos, pode-se falar de suas influências na sociabilidade, cada um com suas influências marcantes em seu tempo. Em relação à televisão deve-se acrescentar ainda a constatação de sua transformação em mídia hegemônica, superando todas as tecnologias anteriores a ela. Sobre o livro é dispensável descrever todo o impacto por ele causado na cultura, na política, na ciência e em vários outros campos e que, talvez, no tempo em que podia ser considerado a única mídia de massa existente, ele também tenha tido esta força hegemônica que a televisão mais tarde irá assumir e até hoje mantém.

Todavia, à discussão sobre a televisão deve-se acrescentar um debate sobre suas relações com a internet. Sobre isto cabe aqui citar Steven Johnson:

“Nascemos num mundo dominado pela televisão e de repente nos vemos tentando nos aclimatar à nova mídia da World Wide Web. A transição é alarmante, até palpitante, dependendo de nossa postura mental – mas, seja qual for nossa reação às novas formas, a chegada delas tem uma força iluminadora. Se passamos a vida toda sob o feitiço da televisão, o mundo mental que herdamos dela – a supremacia da imagem sobre o texto, o consumo passivo, a preferência por fatos transmitidos ao vivo em detrimento da contemplação histórica – nos parece inteiramente natural.” (Johnson, 2001, p.9)

As afirmações acima, além de terem sido ditas com precisão e linguagem bastante acessível, confirmam a existência de características

do meio televisão que são muito claras e que somente com o aparecimento da internet é que se iniciou um debate mais substancial sobre elas. Johnson descreve as que são mais importantes e que também mais interessam do ponto de vista do objetivo do presente estudo.

A supremacia da imagem sobre o texto. A televisão produziu convergência no sentido de que juntou imagem e texto, o que o rádio não faz e o que o cinema passou a fazer quando incorporou o áudio. Em função disto, é comum que se diga que escrever para a televisão é enfrentar o desafio se a imagem comandará ou não o texto. Vera Íris Paternostro, a esse respeito já disse:

“A imagem parada, a fotografia, revela emoção. A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. As palavras vão, então, servir de suporte a essa imagem, dar apoio a elas. Frases de efeito precisam ser deixadas de lado. A imagem em movimento transmite muito mais efeitos” (Paternostro, 1987, p.41)

O consumo passivo. Fragmentação. Muito já se escreveu sobre esta característica da televisão, a tal ponto de ter sido forjada uma imagem sobre este meio como uma espécie de babá eletrônica, como se fosse algo a frente da qual se pode colocar as crianças e deixar que elas ali fiquem com sua atenção presa a esta sucessão de imagens e áudio. Um dos fortes temas em debate da atualidade é saber quais os efeitos que a televisão provoca nelas, por exemplo, quando veicula conteúdos como filmes e programas com imagens de violência. Como é uma mensagem de um sentido só, ela vem e não há como fazer com que retorne, esta impossibilidade de processamento em um caminho de mão dupla seria a fonte de influências questionáveis.

A preferência por fatos transmitidos a vivo, em detrimento da contemplação histórica. Fragmentação outra vez. Paternostro diz que a televisão se caracteriza por ser um veículo da superficialidade, defendendo-o, porém, ao dizer que o que é superficial pode instigar a pesquisa, numa direção de aprofundamento dos conteúdos. Não parece ter sido assim, pois uma das grandes discussões sobre a televisão, no que diz respeito à produção jornalística, é saber se o que é produzido é jornalismo ou entretenimento.

Ao aproximarmos a internet da televisão, todos estes aspectos saltam aos olhos. A internet elimina o consumo passivo e faz, via hipertexto e mecanismos de interatividade, com que o receptor tenha a possibilidade de ser muito mais próativo do que é em relação

à televisão. Com a internet é possível a construção de muitos outros textos a partir de uma intervenção diferente propiciada pelo meio.

Não há supremacia da imagem sobre o texto. A internet foi primeiro texto e em seguida incorporou a imagem. Primeiro a imagem parada do mundo da fotografia digital. Depois, a digitalização da imagem em movimento e, finalmente, o surgimento da internet de banda larga, que abre todas as possibilidades de convergência com qualidade de rapidez iguais as da televisão. Finalmente a opção da preferência pela imagem ao vivo, no lugar da contextualização histórica. Na internet o receptor pode construir arquivos, consultando as fontes onde quer que elas estejam. A pesquisa e a memória na internet são seu grande diferencial, como afirma o professor Marcos Palácios.

São muitos os caminhos desta abordagem de aproximação entre televisão e internet, assim como se poderia fazer em relação à mídia impressa ou ao rádio. Talvez estas sejam idéias para outros trabalhos que precisam e devem ser feitos. Há contudo a discussão que o aparecimento e consolidação da internet estão provocando e que não pode deixar de ser mencionada aqui, como forma de encerrar as reflexões contidas neste artigo.

A internet é claramente uma mídia de convergência, muito mais de convergência do que de fragmentação. Talvez seja aí que resida uma grande preocupação por parte das mídias já estabelecidas. Em 9 de agosto passado a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) publicou uma regulamentação do uso da internet que gerou uma polêmica a ponto de haver protestos formalizados das grandes redes de televisão, que chegaram a realizar reunião de emergência para avaliar o impacto que esta nova norma traria. O burburinho foi tanto que até o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, teve que mandar instaurar investigações oficiais para apurar o que as redes de TV estão dizendo.

Na realidade, esta norma da Anatel aparentemente abriu a possibilidade de que a internet possa ser uma mídia convergente, oficialmente, já que na prática ela já é assim. Além disso, parece também que esta norma autoriza, ou abre brechas, para que seja permitida a participação de capital estrangeiro nos negócios da rede. Esta participação é proibida por força constitucional na área da comunicação. Mas por que então os protestos? Por que os barões da televisão são agora os maiores defensores de nossa constituição? Em geral, a participação de capital estrangeiro é tudo o que os empresários pedem. Por que as televisões não gostaram?

Porque isto possibilita que, na internet, uma hipermídia (em que você pode ter texto, imagem parada e em movimento e áudio), a

entrada do capital estrangeiro produza a associação das empresas de comunicação com as empresas de telecomunicações. Mais ou menos como o que UOL está fazendo ao lançar o produto UOL SAT, fruto de ma associação do portal (comunicação) com uma subsidiária da Embratel e uma empresa israelense, especialista em tecnologia de satélite (telecomunicação).

Estas associações vão permitir a ampliação do acesso à internet de banda larga, na qual se pode ver televisão, escutar e baixar arquivos de áudio com qualidade e rapidez quase instantânea. Deste ponto de vista, não está errado imaginar que já é realidade poder abrir canais de televisão para serem veiculados pela internet como hoje já se faz com as rádios comunitárias.

Que fique claro que não se está aqui fazendo a defesa do capital estrangeiro e sim registrando-se uma situação potencial que coloca em xeque as redes de televisão e que pode abrir novas possibilidades com a popularização da banda larga na internet. Esta tecnologia podia estar se tornando acessível por outros meios. Porém, o que importa é que ela permite vislumbrar a ampliação e democratização da comunicação em níveis jamais imaginados.

BIBLIOGRAFIA

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- STEVEN, Johnson. *A cultura da interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MOHERDAUI, Luciana. *Guia de estilo na WEB – Produção e edição de notícias on line*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV – Manual de telejornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

NOTAS:

- ¹ Aqui se cometerá a pretensão de aporuguesar a palavra internet para a forma internet em virtude da sua incontestável absorção no nosso vocabulário
- ² Entende-se a imprensa como uma tecnologia já conhecida e utilizada pelos chineses desde o século XI através da xilogravura e que foi aperfeiçoada por Gutenberg no século XV com a introdução dos tipos móveis.